

Transferência e Alteridade  
Patricia Mora  
Escuela Freudiana de la Argentina

Neste trabalho, proponho explorar questões surgidas durante a análise de uma paciente, centradas na dificuldade de distinguir se sua estrutura é neurótica ou psicótica.

Trata-se de uma adolescente de 14 anos que sofre de crises de angústia que se manifestam na escola, a ponto de os professores terem que afastar os colegas dela da sala de aula porque não conseguem fazê-la sair e temem as repercussões da angústia dela sobre os demais.

Em casa, isola-se no quarto, evitando os irmãos, o pai e, especialmente, a mãe. Relata ideias suicidas, como jogar-se pela janela do ônibus.

A angústia que ela sofre é catastrófica. Na análise, diante de algo que implique um erro entre o que ela diz e o que lhe retorna de mim, ela se enrola sobre si mesma, agarra a cabeça e chora inconsolavelmente. Meu silêncio a acalma, e muitas vezes ela pergunta: "O que você está pensando?", essa brecha permite que continue falando. Entendo que na angústia há uma indiscriminação, uma transparência entre ela e o Outro, ela não pode se-descontar do Outro, como as crianças que pensam que os pais conhecem seus pensamentos e que é um progresso quando percebem que podem mentir. Em uma sessão, quando sua mãe a repreendeu, ela olhou para ela e disse que sua mãe insistiu, provando assim que sua mãe não a entendia. Eu digo a ela que tem que dizer alguma coisa para a mãe, que um olhar não é suficiente, ele tem que dizer. Essa intervenção permite que ela possa demandar a mãe por alguma coisa

A falta de discriminação entre ela e o Outro não é da mesma ordem que a de Isabella, a esquizofrênica que Lacan menciona no Seminário sobre a Angústia, que diz, "io sono sempre vista", em que um genitivo objetivo entra em jogo, olhar, não apenas como sendo visto, mas sendo uma visão, como uma paisagem. Ali o olhar como objeto a não se subtrai, ela está sempre presente para ela.

Uma brincadeira que a analisante fazia desde muito pequena era se esconder debaixo das mesas; agora na escola, quando fica ansiosa, ela se tranca no banheiro, encontrando assim uma maneira de escapar do olhar do Outro

A angústia aparece quando o que ela chama de vozes são desencadeadas nela. Elas são desencadeadas por algum erro, o que pode resultar de uma ação ou palavra errada, e que tem como referência o que ela chama de "como as coisas deveriam ser".

"Como as coisas deveriam ser" implica que o que ela diz corresponde ao que ela quer dizer, que não há nada mais ou menos, o que é impossível. Ela não aceita a perda que advém da fala. As vozes são apresentadas como uma polifonia de vozes interiores, compostas por enunciados que a repreendem pelo que ela

deveria saber fazer, que o lembram das vezes em que ela falhou e também de como ela deveria ter resolvido o problema. Um enunciado pode aparecer, ou várias ao mesmo tempo. Enunciados que têm a sua voz como suporte

Esta conformação do superego não se assemelha ao superego da neurose obsessiva, que se apresenta sob a forma do imperativo categórico, É preciso ser - É preciso fazer, que se faz ouvir nestas afirmações e por vezes. O superego na neurose implica uma ordem que comanda e ao mesmo tempo manda gozar, segundo a homofonia entre j'oui – eu ouço – e j'ouis – eu gozo. O superego na analisante também difere do imperativo na psicose; quando o sujeito invoca o "você", ele apenas responde com um buraco correspondente a significação que não conseguiu alcançar. Quando as frases são interrompidas, a resposta retorna do real, as alucinações verbais sejam de código ou da mensagem.

O superego, como Freud o estabeleceu em O Mal-Estar da Cultura, é uma entidade que tudo ouve e tudo vê, seja um desejo ou uma ação; o superego culpa o sujeito, independentemente de ser um ou outro. Freud diz que o superego culpa o ego e Lacan também diz que o superego expulsa o ego

Intervenho de duas maneiras em relação ao que é referente para ela “como as coisas são”, uma dizendo que o erro é típico de nós que falamos e que é assim para todos – enunciando a lei do significante – e por outro lado apontando que as vozes a acompanham, ao que ela responde “que surpresa, eu sempre digo que as vozes estão aí”

Para ela, as vozes têm uma função ameaçadora; ela não pode escapar delas. No Seminário 3, Lacan, referindo-se ao superego, diferencia entre “Você é aquele que me seguirás” e “Você é aquele que me seguirá”. A primeira dá lugar a uma escolha: pode-se seguir ou não, enquanto a segunda funciona como um mandato ao qual o sujeito não pode se subtrair; é o poder do discurso.

O superego para ela, sempre presente e como uma ameaça, a leva a se isolar dos amigos, dos colegas, do vizinho por medo de mal-entendidos e assim no isolamento do vínculo social ela pode descansar.

O superego funciona como uma ameaça em outra de suas funções, como uma lei sem sentido. Ela opera no nível de "como as coisas são". Seu pai fica bravo quando as coisas não acontecem como ele espera, ou seja, ele "sabe" como as coisas deveriam ser.

Ela diz sobre seu pai: "Meu pai não suporta que algo exista." Aqui ressoa o deus schreberiano, aquele que não compreende as coisas humanas, esse Outro absoluto, sem o qual, porém, se ele se calasse, cairia no abismo

O superego como uma lei sem sentido é o oposto da função do Nome do Pai, que representa a lei que proíbe o incesto. Essa lei canaliza o desejo, priva a mãe da satisfação de tomar a criança como um falo e a criança de consistir em ser o falo. Estabelece um corte na demanda de ser o falo.

A analisante não tem distância ou tempo para distinguir uma tarefa da outra em relação ao trabalho escolar. Elas são apresentadas a ela como se ela tivesse que responder ao mesmo tempo em que são solicitadas, o que é impossível, e ela é então tomada por uma fadiga vital. Eu disse a ela para não se forçar e que consultasse uma amiga mais tarde. Ela entende a intervenção perguntando a uma amiga o que ela para a amiga dela e a amiga responde “melhores amigas”. Essa resposta a trouxe de volta à vida e ela começou a fazer coisas. O significante melhores amigas a localiza na cadeia, prende seu ser ao significante. Você é isso... melhor amiga e não o “Tu que me faz ser tu”, que indiscrimina do Outro, aquele que desaloja o eu, o tu que mata.

Para ela, o malestar surge em relação ao gozo implícito na função do superego e em relação a uma alteridade insuficientemente constituída. Na transferência, a alteridade, o analista no lugar do agente como objeto a, dá lugar ao fazer falar aquilo que o indiscrimina no Outro.